

**Dossiê Boaventura de Bagnoregio: 750 anos na vida do pensamento.**

Boaventura de Bagnoregio faleceu em 15 de julho de 1274. Comemorar a morte de um pensador é oportunidade para se trazer à memória e para pensar a vida do pensamento. É como pensador que, há pouco mais de 750 anos, Boaventura vive na história. Este número pretende celebrar isso convidando a pensar sobre sua contribuição para a vida do pensamento. Boaventura foi mestre de teologia em Paris, ministro geral da ordem franciscana e, por fim, por pouco mais de um ano, cardeal-bispo de Albano, morrendo durante a preparação para o Concílio de Lião. Recebeu o epíteto de “doutor seráfico” e o título de “príncipe da teologia mística”. Nele, a fé edifica a teologia e se transforma em contemplação, animada por uma mística de um amor ardente. Nele, o estudo, enquanto empenho e trabalho do intelecto, culmina numa Páscoa mística, que se cumpre como um retorno afetivo ao mistério. Para ele, a criação é um espelho de Deus, refletindo e manifestando o invisível Criador como vestígio e sinal, de modo quase sacramental, no qual o intelecto aprende a ler o mistério. A máxima iluminação do homem de desejo se dá como um mergulho na caligem supraluminosa do Deus escondido. A ciência culmina na sapiência, que é o saber de experiência feito, o saber como sabor. Ao longo do itinerário da mente para Deus o macrocosmo se torna livro a ser lido nas entrelinhas com a força luminosa do intelecto. O ser humano, microcosmo, ascende e se deixa reconduzir ao Primeiro Princípio, o “Pai das Luzes”. Para ele, o ser é luz, o conhecer é iluminação. As suas posições filosóficas – exemplarismo, hilemorfismo universal, razões seminais, iluminação intelectual e moral, etc – reconduzem-se a uma metafísica onde o Verbo inciado, encarnado e inspirado, é o *medium* da Trindade, do universo e do ser humano.

Em *Do ser em Parmênides e em Boaventura de Bagnoregio: assuntando consonâncias e dissonâncias nas falas do pensamento em um diálogo de mundos*, Fernandes traz uma meditação historial (e não historiográfico-comparativa) sobre ambos os pensadores. Historial quer dizer: que concerne ao destino do ser em épocas diversas do pensamento ocidental, no caso: a época arcaica grega e a época medieval latina.

## EDITORIAL

Ambos os pensadores pensam a partir da experiência do caminho. Um é instruído pela deusa a respeito dos caminhos do ser, do não-ser e da aparência. O outro é iluminado pelo lume do nome “ser” para cointuir a unidade da divina essência. Em ambos o ser se dá como plenitude de uma presença absoluta.

Em *As ideias divinas em Boaventura e a recepção em Duns Scotus*, Sarmento traz a reflexão dos dois expoentes da escola franciscana medieval a respeito de um tema fundamental da metafísica e da teologia escolástica. Diferenças de estilo e de posições separam a ambos. No pensamento de Boaventura as ideias divinas aparecem como a própria verdade divina que expressa os cognoscíveis e concede às criaturas seu fundamento ontológico e inteligível. As ideias são concebidas em termos de semelhança, quer como razão de conhecer, quer como razão exemplar. João Duns Scotus revisa criticamente esse quadro: recusa a necessidade de “relações de imitabilidade” como condição do conhecimento divino, propõe uma ordem lógica do conhecer em Deus, e passa a entender a ideia divina como o objeto secundário do intelecto divino (sendo o primeiro, a essência divina). Sem negar o alcance bonaventuriano, Scotus reconfigura seus fundamentos lógicos, preservando a amplitude do conhecimento divino das possibilidades e das criaturas.

Da metafísica passamos para a teologia mística. Em *O Itinerarium espiritual de São Francisco de Assis à luz da tríplice via de São Boaventura*, Mannes expõe os três caminhos da vida espiritual – a via da purificação, a da iluminação e a da perfeição – na existência do santo de Assis. Ele também salienta a centralidade que tem para o pensamento do Doutor Seráfico o amor ardentíssimo ao Cristo crucificado para a perfeição união com Deus. Nessa dinâmica, a escuta de Deus se estende à escuta dos outros e de todas as criaturas numa mesma comunhão de amor.

Em *Os sonhos no Comentário sobre as Sentenças de Boaventura: as fontes agostinianas*, Conke traz a lume questões éticas e epistemológicas sobre a vida onírica humana, que aparecem em Santo Agostinho e no Doutor Seráfico. O autor realiza uma pesquisa acurada buscando detectar termos comuns usados no léxico dos dois pensadores. Relaciona obras como o *Comentário literal ao Gênesis* (de Agostinho), o *De Spiritu et Anima* (que os medievais do século XIII atribuíam a Agostinho) e o *Comentário às Sentenças* (de Boaventura). O autor oferece ao leitor um levantamento instigante sobre as

## EDITORIAL

questões éticas e epistemológicas que perpassam o tema dos sonhos para essa tradição do pensamento medieval latino.

Este dossiê é uma modesta contribuição para manter aceso em nosso tempo e em nossas terras o fogo do pensamento do Doutor Seráfico, com seu esplendor e com o seu ardor. O trabalho intelectual do pensamento filosófico era vista por ele como modo de acesso ao esplendor da Verdade. E o engajamento afetivo da contemplação da fé foi tomado como modo de união com o ardor seráfico do Bem. É uma maneira de, em pensando, agradecer o que este pensamento nos concede. O Doutor Seráfico ensinou que, neste caminho, não basta a vontade do trabalho intelectual, é preciso o deixar-se levar na fluência da doação do amor-caridade; não basta a plena atenção da especulação, mas é preciso a pregnância da limpidez da afeição do discipulado; não basta a precisão e o rigor de penetração nas questões, mas é preciso a docilidade e a ternura do encontro; não basta o puro movimento de busca investigativa, mas é preciso a recepção à sabedoria do alto. Assim, passando pela nesciência ciente (douta ignorância) do mistério, a teologia se converte de ciência em sapiência, isto é, em um saborear do mistério na afeição do encontro com o Altíssimo. Como última palavra, deixemos a advertência que Boaventura de Bagnoregio apõe ao leitor no seu *Itinerarium Mentis in Deum*: “*ne credat, quod sibi sufficiat lectio sine unctione, speculatio sine devotione, investigatio sine admiratione, circumspectio sine exultatione, industria sine pietate, scientia sine caritate, intelligentia sine humilitate, studium absque divina gratia, speculum absque sapientia divinitus inspirata*” (não creia que seja suficiente para si a lição sem a unção, a especulação sem a devoção, a investigação sem a admiração, a circunspeção sem a exultação, o esforço da atividade sem a piedade, a ciência sem a caridade, a inteligência sem a humildade, o empenho do estudo sem a graça divina, o espelho sem a sapiência divinamente inspirada).

Brasília, 28 de outubro de 2025.

*Marcos Aurélio Fernandes (UnB)*

*Carlos Vinícius Sarmento (UnB)*